

## WILLIAM HAWKINS E AS PRIMEIRAS TENTATIVAS DE COMÉRCIO ENTRE A INGLATERRA E O BRASIL (1530-1542); ALGUMAS IDÉIAS A PROPÓSITO DAS NARRATIVAS DE HAKLUYT E A DOCUMENTAÇÃO DA ALFÂNDEGA INGLÊSA.

---

Ao que parece, houve duas épocas no século XVI durante as quais os ingleses se interessaram em comerciar com o Brasil. A primeira foi entre 1530 e 1542, quando a Inglaterra era ainda um país muito atrasado no que se refere às iniciativas marítimas; a segunda entre 1578 e 1603, quando o Brasil já estava sob domínio da Espanha, país inimigo, e quando a Inglaterra já podia figurar como potência naval. E' possível que entre 1542 e 1578 houvesse comércio entre os dois países, talvez irregular e a longos intervalos, mas não há, ou pelo menos não foi descoberta, notícia alguma sobre o tráfego nestes anos.

Neste pequeno trabalho trata-se somente do início do comércio entre os dois países, sem discutir se foram esses doze anos entre 1530 e 1542 um período isolado ou a primeira etapa dum comércio que foi se desenvolvendo pelo século afora.

Há então certa possibilidade de ser William Hawkins o primeiro inglês que se interessou em arriscar navio, dinheiro e até a própria vida numa viagem para o Brasil e também de haver sido ele quem primeiro conseguiu realizar tal viagem com bastante proveito e lucro.

E' verdade que alguns navios ingleses do porto de Bristol foram em busca da Ilha de Brasil em 1480 (1), e que durante vários anos saíram daquele porto dois ou três navios por ano à procura do Brasil, das Sete Cidades e de outras ilhas lendárias. Chegaram essas viagens ao ponto de preocupar os soberanos da Espanha e

---

(1). — *Exchequer K. R. Memoranda Rolls*, Hil., 1, Henry VII, m., 30, (Ms. PRO.); J. Nasmith, (Ed.) *Itineraris Symonis Simeonis et Willelmi de Worcestri*, Cambridge, 1778; W. E. C. Harrison, *An Early Voyage of Discovery*, na revista *The Mariner's Mirror*, Cambridge, abril, 1930, pp. 198-199; apud Eileen Power and M. M. Postan, *English Trade in the Fifteenth Century*, Routledge, 1933, pp. 246-246.

trocaram-se notas diplomáticas a respeito (2); mas não vamos por isso alegar que os ingleses sabiam da existência do Brasil antes da viagem de Pedro Álvares Cabral.

E' verdade também que Hakluyt dá informes de uma viagem de Sebastião Caboto e Sir Thomas Spert para o Brasil em 1516 (3). Falta confirmação para essa narrativa. Caboto naquêlê ano já não estava mais a serviço do rei da Inglaterra, mas sim do rei da Espanha (4). Não se sabe de viagem alguma de Sir Thomas Spert, embora outros Spert fôsem comerciantes com a Espanha entre 1530 e 1540 (5). Pode-se então ter essa viagem como inteiramente suspeita, não fôsse Hakluyt citar como comprovante um trecho da *Historia General de las Indias* de Oviedo, que assim escreve:

“No ano 1517 um corsário inglês, sob pretexto de fazer viagem de descobrimento, veio com grande navio às partes do Brasil nas costas da terra firme” (6).

Não se sabe quem era êsse inglês dispondo de navio grande, dos quais aliás a Inglaterra tinha poucos naquela época. Convém notar, porém, o dizer de Oviedo que êles pagavam os mantimentos com artigos de peltre ou estanho trabalhado — mercadorias tradicionais dos comerciantes ingleses. Mesmo assim, a menos que venham a ser descobertos mais pormenores sôbre êste navegador inglês e a sua viagem para o Brasil, é provável que caiba ainda a William Hawkins o título de ter sido o primeiro inglês a comerciar diretamente com o Brasil.

Não se sabe a data de nascimento de William Hawkins, mas já que êle era cidadão honrado (*freeman*) da cidade de Plymouth no início do século XVI é provável que êle tenha nascido naquela cidade entre 1470 e 1480. Calcula-se que êle morreu em 1554 (7).

Hakluyt assim o descreve:

- 
- (2). — *Calendar of State Papers, Spain, 1485-1509*, n.ºs 128, 182, 210. (Pub. PRO.); Gordon Connell-Smith, *Forerunners of Drake*, Longmans, Londres, 1954, p. 48; T. O. Marcondes de Sousa, *O Descobrimento da América*, São Paulo, 1944, p. 69.
  - (3). — Hakluyt, X, pp. 2-6; *The Cambridge History of the British Empire*. Cambridge, 1929, I, p. 28.
  - (4). — *Archivo de Protocolos de Sevilha*, Ofício I, 1516, Libro I, 9 de maio, apud Connell-Smith, *op. cit.*, p. 71.
  - (5). — Connell-Smith, *op. cit.*, pp. 62 e 171.
  - (6). — Tradução do autor. Oviedo, *Historia General de las Indias*, livro 19, cap. 13, apud Hakluyt, X, p. 4, e Purchas, XV, 147-232.
  - (7). — Encontram-se pormenores da vida de William Hawkins nas biografias do seu famoso neto, o almirante inglês Sir John Hawkins: J. A. Williamson, *Sir John Hawkins*, Oxford, 1927; e *Hawkins of Plymouth* do mesmo autor, Londres, 1949.

“um homem, pela sua sabedoria, coragem e habilidade muito estimado e amado pelo rei Henrique VIII, e na sua época um dos principais capitães de navio na parte ocidental da Inglaterra” (8).

Hawkins juntava em si os misteres de dono de navios, capitão de navio e comerciante; também prestou serviços de vez em quando nos navios do rei. Foi duas vêzes prefeito (*mayor*) de Plymouth e três vêzes representou aquela cidade nos parlamentos nacionais (9). Entre os artigos que êle negociava encontramos: sal de Rochelle, vinhos de Bordéus, de Portugal e de Espanha; açúcar e pimenta, provàvelmente através de Portugal, azeite e sabão da Espanha, peixe da Terra Nova, talvez por intermédio dos franceses. Negociava muito com a Espanha e visitou aquêlê país pelo menos uma vez, quando era o mestre do navio “Jesus” de Plymouth que voltou de portos espanhóis em janeiro de 1526, carregado de vinhos, azeite, sabão, açúcar, frutas e amêndoas (10).

O fato dêle ter negócios na Espanha é de muita importância, tendo em vista as viagens para o Brasil que Hawkins depois fêz ou financiava. Para os inglêses da época a Espanha era o trampolim donde se chegava às Molucas e à América do Sul (11). Assim, por exemplo, o famoso Robert Thorne e seus sócios, comerciantes residentes na Espanha, empregaram 1.400 ducados numa frota de quatro navios armados por comerciantes de Sevilha, frota esta que, comandada por Sebastião Caboto, partiu daquêlê pôrto em 1526 rumo às Molucas.

Thorne e seus sócios empregaram o dinheiro dêles:

“principalmente para que dois inglêses, amigos meus, que são peritos em cosmografia, possam ir nos mesmos navios e trazer-me relatórios veridicos da situação do país, e para que êles possam ficar cientes da navegação daqueles mares e aí terem informações e conhecimento de muitas coisas mais que eu desêjo especialmente saber. Visto que nestas partes há navegantes e navios vindos daquêlê país e cartas pelas quais êles navegam, muito diferentes de nossas cartas; êles têm de procurar e obter aquelas cartas e aprender como entendê-las, e especialmente como se navega para as ilhas do norte e nordeste” (12).

---

(8). — Tradução do autor. Hakluyt, XI, p. 23.

(9). — J. A. Williamson, *Hawkins of Plymouth*.

(10). — *Exchequer, K. R. Customs*, 116-6, (Ms. PRO.); apud Connell-Smith, *op. cit.*, p. 10.

(11). — Connell-Smith, *op. cit.*, p. xii-xv, et *passim*.

(12). — Tradução do autor. *Robert Thorne's Book*, apud Hakluyt, II, pp. 164-180; veja também Hakluyt XI, pp. 91-92; Boies Penrose, *Travel and Discovery in the Renaissance, 1420-1620*, Harvard University Press, 1952, pp. 121-122; Connell-Smith, *op. cit.*, p. 72 et *passim*.

Os dois ingleses que acompanharam Caboto nesta viagem eram Roger Barlow e Henry Patmer (13). A frota não atingiu as Molucas mas, depois de perder a almirante na baía dos Patos, explorou o Rio da Prata e voltou para Sevilha em 1530 (14). Diz Galvão que no começo da viagem ancorava a frota em Pernambuco, permanecendo lá três meses à espera de vento para dobrar o Cabo Santo Agostinho (15).

Não se sabe de relato algum de Barlow ou Patmer a respeito dessa viagem, nem se eles foram até ao Rio da Prata e voltaram juntos com a frota ou se eles abandonaram Caboto mais cedo, talvez depois da perda da almirante, ou já em Pernambuco. Conseguiram eles talvez mandar notícias por escrito a Robert Thorne?

O que interessaria também saber são as informações obtidas por William Hawkins a respeito desta viagem. Nota-se que ele costumava negociar com a Espanha, onde Robert Thorne morava e comerciava; que ele estava em portos espanhóis no mesmo ano em que a frota de Caboto partiu. Hawkins voltou da Espanha em janeiro de 1526 (16); a frota só partiu em fevereiro ou depois (17); mas sabe-se que Thorne e Caboto já haviam entrado em entendimentos sobre a viagem em fins de 1524 (18). Hawkins importava sabão da Espanha; Thorne possuiu uma fábrica de sabão em Sevilha, produto que ele destinava ao mercado inglês (19). Poder-se-ia supor que Hawkins estava bem informado do que Thorne planejava e descobrira a respeito da América do Sul?

A frota de Caboto voltou em 1530 (20), ano (conforme diz Hakluyt — infra) em que Hawkins já armava navio para comerciar com o Brasil. Haverá alguma significação nessa coincidência de datas?

Voltemos então a tratar das supostas viagens de Hawkins para o Brasil. Já se notou que documentos ingleses sobre viagens desse tipo são raros e não tem sido claramente estudados; já se fez referência também ao fato de Hakluyt não ser sempre digno de crédito, principalmente quando não existe confirmação alheia para as narrativas dele. Das primeiras três viagens de Hawkins é Hakluyt a única autoridade; mas houve uma quarta viagem, não mencionada por Hakluyt, mas comprovado por documentos da Alfândega

(13). — Connell-Smith, *op. cit.*, pp. 64 e 72. Mostra esse autor que o nome do segundo era mesmo 'Patmer' e não Latimer como muitas vezes foi escrito, por exemplo, por HARRISSE.

(14). — Penrose, *op. cit.*, pp. 121-122.

(15). — Antônio Galvão, *Livro dos Descobrimentos das Antilhas e Índia*, apud Purchas, X, p. 48.

(16). — Connell-Smith, *op. cit.*, p. 10.

(17). — Connell-Smith, *op. cit.*, p. 27; Hakluyt, II, p. 166.

(18). — *Archivo de Protocolos de Sevilha*, Ofício v, 1524, Libro II, f. 557; 1526, Libro I, f. 445 v, 447; apud Connell-Smith *op. cit.*, p. 72.

(19). — Connell-Smith, *op. cit.*, p. 67.

(20). — Galvão, *loc. cit.*

inglês (*infra*). Assim não há dúvida de Hawkins ter feito ou mandado uma viagem ou outra para o Brasil entre 1530 e 1540, embora haja possibilidade de equívoco por parte de Hakluyt nos pormenores das três viagens feitas nos anos consecutivos 1530, 1531, 1532. Nota-se, por exemplo, que no título Hakluyt fala em duas viagens (21), enquanto mais adiante fala-se claramente em três; a viagem inicial, a título de experiência; a segunda que trouxe um cacique para a Inglaterra; e a terceira que levou o cacique de volta para o Brasil.

Hawkins, então, armou um belo navio seu, o *Paul of Plymouth* de 250 toneladas, e fez com êle três viagens para o Brasil. Pela relação de Hakluyt pode-se supor que Hawkins mesmo comandava o navio. Em caminho êle ancorou no Rio de Sestos, Guiné, e ali negociou com os negros, comprando marfim e outros artigos procedentes do país. Depois meteu rumo para o Brasil:

“e assim chegando na costa do Brasil, ali empregava tanta discreção e se comportava tão sábiamente junto aos selvagens que criou grande intimidade e amizade com êles. Tanto que, na sua segunda viagem, um dos reis selvagens do povo do Brasil desejava viajar no navio com êle e ser levado até a Inglaterra. Concordeu Hawkins, deixando no país como garantia do bom trato e segurança da volta do rei, um certo Martin Cockeram, de Plymouth. O rei, chegando à Inglaterra, foi levado até Londres e apresentado a Henrique VIII, então residindo no palácio de Whitehall. Não pouco estranharam o rei Henrique e todos os seus nobres ao ver tal personagem, e não sem motivo, pois que nas faces dêle havia cavidades feitas da maneira costumada pelos selvagens, e introduzidos ossos nas ditas cavidades, os quais se salientaram uma polegada para fora; tal enfeite sendo sinal de homem muito corajoso no país dêle. Havia também um orifício no lábio inferior, no qual era colocada uma pedra preciosa do tamanho duma ervilha. Seus comportamento, indumentária e gesticulações eram todos muito estranhos aos assistentes.

“Tendo permanecido na Inglaterra quase um ano inteiro e Henrique VIII bastante satisfeito de tê-lo visto, Hawkins resolveu cumprir sua promessa e leva-o de volta para o país dêle. Mas aconteceu na viagem, por mudança de clima e alimento estranho, que o dito rei selvagem morreu no alto mar. Receava-se que dêste desastre resultasse a morte de Martin Cockeram, o refém. Porém os selvagens, completamente persuadidos do honesto trato dos ingleses para com o seu príncipe, devolveram o refém sem injuriar ou a êle ou a outro qualquer da tripulação. Hawkins trouxe de volta para a Inglaterra êste refém, e seu navio carregado com os produtos da terra.

---

(21). — *A Brief Relation of two sundry voyages made by the worshiþful M. William Haukins...*, etc., Hakluyt, XI, p. 23.

Martin Cockeram, como testemunhava Sir John Hawkins (alto funcionário da cidade de Plymouth) estaria ainda vivo pouco anos antes da data do relato" (22).

Como se vê, a narrativa de Hakluyt está cheia de pormenores pitorescos, talvez não muito verídicos e certamente sem confirmação alguma. Não há referências de outros autores ao cacique apresentado ao rei Henrique VIII, embora tal fato devesse ter interessado muito aos cronistas da época. A representação das faces furadas e os enfeites de osso e pedra está correta, mas poderia ser tirada de Léry ou de Staden ou de descrições fornecidas por marinheiros franceses. Martin Cockeram não deixou nenhuma relação das experiências suas entre os índios; se de fato êle passou um ano entre êles, a falta desta relação é de lamentar (23).

Ver-se-á que a viagem de 1540 está comprovada; podemos, porém, aceitá-la como comprovante das viagens anteriores? Ou devemos achar que a viagem de 1540 foi a única para o Brasil que Hawkins fêz, e então Hakluyt equívocou-se no que se refere à data e ao número de viagens, e inventou a história de Martin Cockeram e o cacique?

Nota-se a extrema facilidade com que os ingleses, no Brasil pela primeira vez (1530), conversaram e fizeram amizades com os índios. Pode-se supor que êles contaram com o auxílio de franceses ou portugueses renegados já com prática da língua indígena. Na viagem de 1540 parece que Hawkins empregava um francês; será que nas viagens anteriores não precisava disso? Um defeito de Hakluyt a ser levado em conta era êle ser demasiado patriota para confessar que um inglês precisasse de auxílio alheio para atravessar o mar e conversar com gente selvagem.

Os fatos da viagem de 1540, colhidos de documentos da Alfândega inglesa, são de caráter muito diferente dos pormenores pitorescos de Hakluyt. Tratando de assuntos alfandegários é muito natural encontrar neles uma variedade de mercadorias, pesos e valores, e nada de príncipes com os lábios furados.

O navio era o mesmo *Paul of Plymouth*; partiu daquele porto no dia 25 de fevereiro de 1540. O mestre era um tal John Landy que não costumava comandar o *Paul*, sendo empregado especialmente para fins desta viagem. Era provavelmente francês. Não

---

(22). — Hakluyt, XI, pp. 23-25. Hakluyt publicou êste relato uns cinqüenta anos depois da data das viagens narradas; Martin Cockeram então era ainda muito moço quando passou um ano no meio dos índios.

(23). — Martin Cockeram aparece como personagem na novela histórica de Charles Kingsley, *Westward Ho*. E o velho marinheiro que vem conversar com Drake e os capitães ingleses quando êsses, à espera da Armada Espanhola, passam o tempo jogando "bote". O Prof. Williamson também sugere que o conhecido pintor inglês Millais procurou representar Cockeram no quadro *The Boyhood of Raleigh* — J. A. Williamson, *Sir John Hawkins*.

houve sindicato de comerciantes como era costume nessas viagens arriscadas; Hawkins era o único dono do navio e de tudo que nele se carregava. As mercadorias levadas da Inglaterra para negociar ou na Guiné ou no Brasil foram as seguintes:

machados	940
pentes	940
facas	375
cobre (bruto)	500 K.
chumbo (bruto)	500 K.
cobre na forma de pulseiras, ras, argolas ( <i>manielos</i> )	250 K.
chumbo na forma de pulsei- argolas ( <i>manielos</i> )	250 K.
fazendas de lã	3 peças
bonés de lã	228

Esta era a carga total, avaliada em 23. 15. 0 libras, e pagando impostos de 1. 7. 3 libras, ou seja quase 6 por cento. Convém notar que os machados, pentes e facas foram passados pela alfândega como uma tonelada e meia de ferro bruto, no valor de 3. 15. 0 libras, e assim não foram avaliados como artigos fabricados, não pagando os impostos devidos.

De volta, o *Paul* ancorou outra vez em Plymouth no dia 20 de outubro do mesmo ano, após uma ausência de oito meses. Da Guiné trouxe uma dúzia de colmilhos de elefante, ou seja meia tonelada de marfim. Do Brasil trouxe 92 toneladas de pau-brasil. A carga tôda se avaliou em 615. 0. 0 libras, e pagava impostos de 30. 15. 0 libras, ou seja 5 por cento exatos (24).

Já se vê que o lucro de Hawkins era enorme; mas como pôde um navio de 250 toneladas trazer sòmente 92 toneladas de mercadorias? Como pôde um navio visitar a Guiné sem carregar pimenta malagueta, produto do país, e mercadoria com que Hawkins já costumava negociar? Não é possível que o mesmo funcionário da alfândega que deixou facas, pentes e machados saírem do país como ferro bruto, também deixasse entrar pimenta como víveres do navio em vez de carga? E' a sugestão do Prof. Williamson, que também opina que Hawkins conseguiu ouro na Guiné, e que, naturalmente não teria entrado nas contas alfandegárias (25).

Também em 1540 o navio *Bárbara* de Londres fêz viagem para o Brasil, aliás sem sucesso algum, principalmente por não acertar a costa onde se encontrava pau-brasil e por hostildade dos franceses, apesar da *Bárbara* contar alguns *speech-men* (tradu-

(24). — *Exchequer, K. R. (Customs) E*, 122, 116-11, 13, (Ms. PRO.); apud J. A. Williamson, *Sir John Hawkins*, pp. 15 e seg.; *Cambridge History of the British Empire*, vol. I, p. 33.

(25). — J. A. Williamson, *loc. cit.*

tores) daquela nacionalidade entre a tripulação. Um marujo viu um colega comido pelos antropófagos e a *Bárbara*, depois de muitas dificuldades, voltou com uma carga desprezível de algodão e papagaios. Esta viagem está comprovada por documentos autênticos (26).

Diz Hakluyt que por volta do ano de 1540 Robert Reneger, comerciante com a Espanha como Hawkins e mais tarde pirata como êle, também freqüentou as costas do Brasil com bastante lucro (27). Finalmente, diz Hakluyt que um tal Pudsey e outros comerciantes de Southampton mandaram navios para o Brasil e no ano 1542 construíram uma fortaleza não muito distante de Bahia de Todos os Santos (28).

O que é que pode significar todo êsse movimento ao redor do ano 1540? Subitamente os ingleses de Plymouth, Southampton e Londres descobriram meios de comerciar com o Brasil? Não é mais provável que William Hawkins, talvez se baseando nas informações obtidas por Robert Thorne, fôsse o pioneiro de tráfego com o Brasil e que depois outros comerciantes seguiram-lhe o exemplo? Um estudo mais profundo dos documentos alfandegários da época talvez nos dê a resposta certa.

#### KEITH SHORT

Bachelor of Arts; former History Exhibitioner of Gonville and Caius College in the University of Cambridge.

\*

#### BIBLIOGRAFIA.

##### I. — *Fontes Primárias.*

###### a). — *Manuscritos Ingêleses.*

- i). — *Exchequer, K. R. Customs.*
- ii). — *Exchequer, K. R. Memoranda Rolls.*
- iii). — *High Court of Admiralty (Libels, etc.).*  
Todos no Public Records Office, Londres.

###### b). — *Manuscritos Espanhóis.*

Archivo de Protocolos de Sevilha.

###### c). — *Fontes Impressas.*

- i). — *Calendar of State Papers, Spain* — publicação do P. R. O.

(26). — *High Cover of Admiralty, Libels*, apud R. G. Marsden, *The Voyage of the 'Barbara' of London* na revista *The English Historical Review*, xxiv, 96. Veja também, *The Cambridge History of the British Empire*, p. 33.

(27). — Hakluyt, XI, p. 25; Connell-Smith, *op. cit.*, p. 137, e *passim*, Connell-Smith, apresenta Reneger como o tipo de precursor de Drake, porém não acredita na suposta viagem dêle para o Brasil.

(28). — Hakluyt, *loc. cit.*



- ii). — Galvão, Antônio: *Livro dos Descobrimentos...*, etc. — veja também in nomine *Purchas*.
- iii). — Hakluyt, Richard: *The Principal Navigations, Voyages and Discoveries of the English Nation (Hakluyt's Voyages)*, três edições, viz:

- 1). — edição de 1598-1600, em três volumes.
- 2). — edição de 1903-1905, Maclehose, Glasgow, impressa para a Hakluyt Society, em doze volumes.
- 3). — edição sem data, Dent, Everyman's Library, resumida, em oito volumes.

Destas edições é aquela de Maclehose a que mais se usa em estudos históricos ingleses, sendo uma edição completa e com índice pormenorizado. Por isso, tôdas as referências incorporadas neste estudo referem-se a esta edição. Porém na Biblioteca Municipal só existe o volume XI da edição de Maclehose, enquanto os três volumes da edição de 1598-1600 se encontram na secção de livros raros da Biblioteca e os oito volumes de Dent na Biblioteca da Cultura Inglesa. Seguem, então os capitulos de Hakluyt convenientes para êsse estudo, com referências às três edições na ordem acima citada:

*The voyage of Sir Thomas Pert and Sebastian Cabot, about the eight yeere of King Henry the eight which was the yere 1516, to Brasil, Santo Domingo and S. Juan de Puerto Rico.* III, 498-499: X, 2-6: VI, 2-4.

*The book made by the right worshipful M. Robert Thorne, in the yeere 1527 in Sivil, to Doctour Ley, Lord ambassadour for king Henry the eight, to Charles the Emperour, being an information of the parts of the world, discovered by him and the king of Portingal: and also of the way to the Moluccaes by the North.* I, 214-221: II, 164-180: I, 216-231.

*A brief relation of two sundry voyages made by the worshipful M. William Haukins of Plimmouth, father to Sir John Haukins knight, late Treasurer of her Majesties Navy, in the yeere 1530 and 1532.* III, 700: XI, 23-25: VIII, 13-15.

*An ancient voyage of M. Robert Reneger and M. Thomas Borey to Brasil in the yeere of our Lord 1540.* III, 701: XI, 25: VIII, 15.

*A voyage of one Pudsey to Baya in Brasil, anno 1542.* III, 701: XI, 25: VIII, 15.

- iv). — Nasmith, J., *Itineraris Symonis Simeonis et Willielmi de Worcestri.* Cambridge, 1778.
- v). — Oviedo y Valdes, Gonzalo Fernandes de, *Historia General de las Indias*, veja também in nomine *Purchas*.
- vi). — Purchas, Samuel, *Hakluytus Posthumus or Purchas His Pilgrims.* Maclehose, Glasgow, 1905-1907, em vinte volumes, especialmente:

*Extracts of Gonzalo Ferdinando de Oviedo his Summarie and General History of the Indies.* Vol. XV, pp. 147-232.

*Brief Collections of Voyages, chiefly of Spaniards and Portingals taken out of Antonio Galvano's Booke of the Discoveries of the World*, vol. X, pp. 1-74.

II. — *Obras Modernas.*

- i). — *The Cambridge History of the British Empire*, vol. I, Cambridge University Press, 1929.
- ii). — Connell-Smith, Gordon, *Forerunners of Drake*, Longmans, 1954.
- iii). — Harrison, W. E. C., *An Early voyage of Discovery* na revista *The Mariner's Mirror*, Cambridge, abril, 1930, pp. 198-199.
- iv). — Marcondes de Sousa, T. O., *O Descobrimento da América*, São Paulo, 1944.
- v). — Marsden, R. G., *The Voyage of the Barbara of London*, na revista *The English Historical Review*, xxiv, p. 96.
- vi). — Penrose, Boies. *Travel and Discovery in the Renaissance, 1420-1620*. Harvard University Press, 1952.
- vii). — Power, Eileen, and M. M. Postan, *English Trade in the Fifteenth Century*. Routledge, 1933.
- viii). — Williamson, J. A., *Sir John Hawkins*. Oxford, 1927.
- ix). — Williamson, J. A., *Hawkins of Plymouth*. London, 1949.